

**TRADUÇÃO**

**O CARMA, A REENCARNAÇÃO E O PROBLEMA DO MAL:  
UMA INTERJEIÇÃO NO DEBATE ENTRE WHITLEY KAUFMAN E MONIMA  
CHADHA E NICK TRAKAKIS\***

**ARVIND SHARMA\*\***

**POR: GABRIEL REIS DE OLIVEIRA**

O debate recente nas páginas de *Philosophy East and West* adquiriu um foco nítido com o seguinte comentário de Whitley Kaufman no final de sua resposta a Monima Chadha e Nick Trakakis:

Deixe-me resumir minha principal preocupação com o sistema do carma e da reencarnação desta forma. A grande atração do sistema do carma é a garantia de que estamos completamente no controle de nosso próprio destino, de que tudo o que acontece conosco é uma consequência previsível de nossas próprias escolhas. Embora signifique que somos prisioneiros de nosso passado, também significa que o futuro está inteiramente sob nosso controle. Sem dúvida, essa característica do carma é uma fonte de seu grande atrativo. Mas essa promessa vem a um grande preço. Ela implica que não existe sofrimento inocente, que todos recebem exatamente o que merecem. Mas então não pode haver obrigação moral de ajudar os outros em perigo, de proteger, de resgatar, de realizar atos de caridade, ou mesmo de sentir compaixão por alguém que sofre. A maioria das outras teodiceias começa com a aceitação de que existe algo como sofrimento inocente, que como seres humanos não temos um controle divino sobre nosso destino, mas somos seres frágeis, vulneráveis, muitas vezes necessitados da ajuda de outros. A implicação é

---

\* (2008). “Karma, Rebirth, and the Problem of Evil: An Interjection in the Debate between Whitley Kaufman and Monima Chadha and Nick Trakakis”. *Philosophy East and West* 58 (4): 572–575. A tradução foi possível graças ao apoio de uma bolsa da Fundação John Templeton, concedida através do Global Philosophy of Religion Project (GPRP).

\*\* Faculty of Religious Studies, McGill University.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

uma profunda obrigação moral de ajudar os necessitados, de sentir compaixão e piedade por aqueles que sofrem. Em contraste, o carma eleva a ideia de “culpar a vítima” a um princípio sistemático. A questão em jogo é qual relato é mais plausível, a ideia de que todos estão recebendo exatamente o que merecem e, portanto, não devemos interferir com o esquema punitivo cósmico, ou a ideia de que existe sofrimento genuíno e imerecido no mundo, e que é nosso dever ajudar a reduzir a miséria e a dor no mundo?<sup>1</sup>

A afirmação de que “o carma eleva a ideia de ‘culpar a vítima’ a um princípio sistemático” parece captar a lógica central da passagem e, portanto, levanta a questão: a doutrina do carma e da reencarnação, tal como apresentada dentro da tradição religiosa indiana, aceita tal ponto de vista?

Penso que é preciso ser claro sobre a questão para começar, ou seja, se a doutrina do carma e da reencarnação pode ser interpretada de forma insensível por aqueles que poderiam desejar fazê-lo, ou se é uma doutrina insensível por si mesma, no sentido descrito na passagem. Um exemplo pode ajudar a esclarecer o ponto. Um paciente pode ter contraído câncer de pulmão como resultado de ser um fumante crônico. A ciência médica afirma ser esse o caso. Então, isso torna a ciência médica uma ciência insensível? Do ponto de vista da ciência médica, é uma questão de fato e não de valor. O tabagismo crônico causa câncer, portanto, a afirmação de que um paciente agora está sofrendo de câncer de pulmão por ser fumante crônico é uma afirmação de fato, o que não torna a ciência médica uma ciência insensível. Se, no entanto, o médico dissesse à paciente depois de ela ter sido diagnosticada: “Você causou esse câncer a si mesma por fumar cronicamente. Você é o culpado por isso. *Portanto, não vou tratá-la*” – então o médico estaria exibindo uma característica insensível e teria abandonado a sua profissão. O médico converteu o fato em um valor *negativo*, culpando a vítima. Normalmente, porém, os médicos convertem isso em um valor *positivo* – no sentido de que, embora considerem a vítima responsável por sua condição, eles fazem o que podem para tratá-la e são solícitos, em vez de insensíveis, em sua abordagem ao paciente.

---

<sup>1</sup> KAUFMAN, Whitley, “Karma, Rebirth, and the Problem of Evil: A Reply to Critics”, *Philosophy East and West* 57 (4) (October 2007): 559-560.

É importante ter em mente que a doutrina do carma e da reencarnação, como entendida dentro da tradição indiana, abrange tanto estas dimensões de *fato* como de *valor*.

Assim como o médico aceita a responsabilidade individual do fumante como um fato, mas continua a ajudá-lo em termos de seu sistema de valores, do mesmo modo a doutrina do carma e da reencarnação aceita a responsabilidade individual do sofredor como um fato, mas promove o valor de ajudar aqueles que sofrem como parte integrante do sistema de valores associado à doutrina. Altruísmo à parte, essa é uma implicação da própria doutrina, pois, de acordo com a doutrina, os outros nos tratam da maneira como nós os tratamos. Portanto, se agora não ajudarmos alguém usando o argumento de culpar a vítima, nós mesmos no futuro não seremos ajudados quando precisarmos de ajuda, porque o mesmo argumento de culpar a vítima será usado contra nós. Assim, mesmo de uma perspectiva puramente preventiva, seria perigoso invocar tal argumento para não ajudar os outros. *Não é preciso ser uma vítima inocente para ser ajudada – basta ser vítima para se qualificar para a ajuda* em termos da doutrina do carma e da reencarnação.

A doutrina do carma e da reencarnação, entretanto, não se limita à ética prudencial. O carma anda de mãos dadas com o *dharma* no hinduísmo – ou, em outras palavras, “a doutrina do carma e da reencarnação pressupõe a possibilidade de crescimento moral”.<sup>2</sup> Daí as repetidas referências nos textos hindus às pessoas empenhadas em fazer o bem aos outros (*Bhagavad-Gita*, V. 25 e por diante). Crucial para a doutrina do carma é a compreensão do carma bom e do ruim. A discriminação entre os dois pode envolver vários critérios, mas um critério comum está encapsulado em um verso gnômico que diz: “O sábio Vyasa disse apenas duas coisas nos dezoito Puranas: que ajudar os outros é virtude e ferir os outros é vício”.<sup>3</sup> A mesma doutrina do carma e da reencarnação, que nos responsabiliza pelo que nos acontece, também nos incita a realizar um bom carma em vez de um ruim carma e um carma desapegado em vez de um carma apegado. Portanto, assim como os médicos tratam de doenças que os pacientes causaram a si próprios, aqueles que aderem à doutrina do carma e da reencarnação também têm a obrigação ética de “ajudar a reduzir a miséria e a dor no mundo”.

---

<sup>2</sup> HIRIYANNA, M. *Popular Essays in Indian Philosophy*, new ed. (Mysore: Kavyalaya, 1999), p. 32. Veja *Bhagavad-Gita* VI, 33-47.

<sup>3</sup> *astadasapuranesu vayasasya vacanarh dvayarh paropakarah punyaya papaya parapl danam.*

Nossa hipotética fumante, sofrendo de câncer de pulmão, não poderia acabar assim, não porque ela mesma fumava, mas porque trabalhava em um ambiente cheio de fumaça produzida por outros, embora ela mesma não fumasse?

Uma passagem em um famoso texto budista, um texto que já figurava nesse debate, sugere que a tradição religiosa indiana não ignorava essa possibilidade. A seguinte citação do *Milindapanha*, que consiste no diálogo entre o rei Milinda e o sábio budista Nagasena, deixa isso bem claro:

Aquela doença de disenteria, Majestade, que surgiu no Senhor não foi uma doença que surgiu por causa de nada (que ele tinha) feito antes; ela surgiu simplesmente em conexão com a união dos humores do corpo. Nenhuma das doenças corporais que surgiram no Senhor, Majestade, foi produzida por carma, mas de uma ou outra dessas seis origens (restantes).

Isso também, Majestade, foi dito pelo Senhor, o deva acima dos devas, em uma explicação para Moliyasivaka na esplêndida exposição, o *Sarhyuttanikaya*: “Algumas coisas que são experimentadas aqui, Sivaka, surgem com origem na bile; e isso deve ser entendido por si mesmo, Sivaka, que algumas coisas que são experimentadas aqui surgem com origem na bile. E isso também, Sivaka, é aceito pelo mundo como a verdade, que algumas coisas que são experimentadas aqui surgem com origem na bile.” Quanto a isso, Sivaka, aqueles contemplativos e brâmanes que falam assim e têm estes pontos de vista: “O que quer que esta pessoa experimente, seja agradável ou dolorosa ou nem dolorosa nem agradável, tudo isso se deve ao que foi feito antes”, vai além do seu conhecimento pessoal e vai além do que é aceito pelo mundo como a verdade. Portanto, eu digo que está errado esses contemplativos e brâmanes. E, Sivaka, algumas coisas que são vivenciadas aqui surgem originadas na fleuma ... nos ventos (do corpo) ... nascidos de uma mudança de estação ... nascidos do estresse das circunstâncias, de repente ... e algumas coisas que são vivenciadas aqui, Sivaka, surgem do amadurecimento do carma; e isso deve ser compreendido por si mesmo, Sivaka, que algumas coisas que são vivenciadas aqui surgem do amadurecimento do carma. E isso também é aceito pelo mundo como a verdade, Sivaka, de que algumas coisas que são experimentadas aqui surgem do amadurecimento do carma. Quanto a isso, Sivaka, aqueles contemplativos e brâmanes que falam assim e têm estes pontos de vista: “O que quer que esta pessoa experimente, seja agradável ou doloroso ou nem doloroso nem agradável, tudo isso é devido ao que foi feito anteriormente” vão além de seu conhecimento pessoal e vão além do que o mundo concorda como verdade. Portanto, eu digo que está errado esses contemplativos e brâmanes. Então, Majestade, nem todos os sentimentos nascem do amadurecimento do carma.<sup>4</sup>

O ponto em questão é o seguinte: se o Buda morreu depois de sofrer de disenteria, então não poderia ser alegado que o Buda não estava livre de todas as manchas, como se afirma, e que esse ataque foi causado por seu carma ruim? A passagem enfatiza que o que acontece a alguém pode ter causas naturais. Nem tudo o que alguém sofre deve ser atribuído a causas morais (ou seja, cármicas). Isso levanta a questão complicada de como

---

<sup>4</sup> HOMER, I. B. (transl.) *Milinda's Questions* (Oxford: Pali Text Society, 1990), vol. 1, p. 191-192.

alguém pode distinguir entre a operação das duas causas, mas o que é importante para a questão em pauta é o claro reconhecimento de que nem tudo que acontece a uma pessoa pode ser atribuído ao carma e reencarnação de acordo com a visão apresentada em um texto budista. Em outras palavras, a vítima pode nem sempre ser culpada.

Para concluir: Whitley Kaufman chama a atenção para uma possível distorção à qual a doutrina do carma e da reencarnação está sujeita. Mas dentro da matriz da tradição religiosa indiana, dentro da qual ela foi desenvolvida, normalmente não é compreendida dessa forma. A vítima não deve ser culpada, mas deve ser ajudada, nem sempre a vítima deve ser culpada.



**Gabriel Reis de Oliveira** é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre pelo programa de pós-graduação em Lógica e Metafísica da UFRJ (PPGLM/UFRJ). E é doutorando no programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

**Email:** [reisgabri@gmail.com](mailto:reisgabri@gmail.com)